

**VIVENCIANDO A PRÁTICA DOCENTE NO ESTÁGIO NÃO FORMAL: EXPERIÊNCIA NO CENTRO DE ASSISTÊNCIA E DESENVOLVIMENTO INTEGRAL (CADI).**

Rafaela Santos de Carvalho - rafinhagirl3@gmail.com

Girlandia Santos Conceição - girlandiasconceicao@gmail.com

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

**Resumo**

A educação não formal é um campo educativo que se preocupa essencialmente em educar para a cidadania e tem como objetivo central a formação de sujeitos livres e emancipadas

O plano de ação do estágio teve como objetivo geral: vivenciar a prática docente no estágio não formal, na perspectiva de experienciar um processo de ensino-aprendizagem coletivo, participativo e transformador. E objetivos específicos: Conhecer como se dá a prática docente, na perspectiva da educação não formal no CADI; Pensar a prática pedagógica nos espaços educativos não escolares a partir da reflexão-ação sobre a realidade; Desenvolver práticas pedagógicas coletivas, participativas e transformadoras. A experiência destacou que o trabalho pedagógico nos espaços não formais acontece de forma sistematizada e intencional a fim de proporcionar uma formação cidadã. Através das discussões trazidas pelas oficinas de contação de histórias foi possível ampliar e inserir discussões que colaboraram efetivamente para uma construção critica/reflexiva.

**Palavras-chave:** Educação não formal. Estágio supervisionado. Formação cidadã.

**Introdução**

O presente trabalho tem como finalidade relatar as experiências vivenciadas durante o estágio supervisionado em espaços não formais do curso de pedagogia da Universidade Estadual da Bahia (UNEB) – campus XV. O referido estágio realizado em 2019 no Centro de Assistência e Desenvolvimento Integral (CADI) uma ONG localizada na cidade de Valença-BA, que tem como missão prestar assistência, promover o acesso aos direitos e facilitar o desenvolvimento integral de pessoas e famílias em contexto de vulnerabilidade social, gerando transformação. A instituição fundada em 2007 percebe a educação integral como possibilidade de desenvolver todas as dimensões do indivíduo, inclusive a espiritual. O espaço atende crianças, adolescentes, jovens e adultos de uma comunidade carente da cidade.

De acordo com o Regulamento Geral de Estágio da UNEB, se compreende o estágio como uma atividade curricular formativa que permite o permanente diálogo entre teoria/prática possibilitando ao graduando vivenciar experiências críticos-reflexivas em seu futuro campo profissional. Ou seja, o estágio deve nos proporcionar conhecer as possibilidades profissionais que nossa formação abrange e promover a articulação entre nossas aprendizagens teórico-práticas.

A educação formal, não formal e informal são os campos que compõe todo processo educativo, assim é importante destacar que, embora sejam singulares no interesse em realizar o processo de ensino-aprendizagem, estes são caracterizados pelas diferentes e difusas perspectivas que os demarcam.

 A educação não formal, assim como a formal ocorre de forma intencional e sistematizada, porém, suas ações se preocupam essencialmente em educar para a cidadania, desenvolvendo práticas voltadas à conscientização, desenvolvimento de valores, construção e reconstrução de aspectos político-sociais, ou seja, tem como objetivo central a formação de sujeitos livres e emancipadas.

 Dessa forma, é de suma importância que possamos vivenciar experiências nos diversos campos aqui citados, como possibilidade de obter uma formação pedagógica mais significativa, que compreende a educação como uma ação para além das salas de aulas e a atuação do pedagogo como fator primordial para a realização do processo educativo nesses diversos campos, ampliando assim nossas possibilidades de atuação profissional.

O projeto “Vivenciando a prática docente no Estágio não formal: experiência no Centro de Assistência e Desenvolvimento Integral (CADI).” para além de uma vivência que enriquece nosso currículo acadêmico, também nos proporciona conhecer um distinto campo de experiência que se preocupa essencialmente com a mudança social, com ações pedagógicas pautadas no desenvolvimento da autonomia do pensar e do fazer do sujeito.

O plano de ação teve objetivo geral: vivenciar a prática docente no estágio não formal, na perspectiva de experienciar um processo de ensino-aprendizagem coletivo, participativo e transformador. E objetivos específicos: Conhecer como se dá a prática docente, na perspectiva da educação não formal no CADI; Pensar a prática pedagógica nos espaços educativos não escolares a partir da reflexão-ação sobre a realidade; Desenvolver práticas pedagógicas coletivas, participativas e transformadoras.

 Partindo da realidade das turmas e seguindo orientações da educadora social, percebemos a possibilidade de desenvolver o estágio tendo como procedimento metodológico as oficinas pedagógicas. As oficinas de contação de história foram pautadas no desenvolvimento da práxis, sempre estimulando a ação-reflexão-ação, o diálogo e a autonomia dos educandos, conforme as especificidades dos sujeitos. Foram realizadas duas oficinas por semana para cada turma, com duração de três horas, articulados em quatro momentos necessários, sendo estes: sensibilização, aprofundamento, compromisso e avaliação. “As oficinas são espaços de construção coletiva de um saber, de análise da realidade, de confrontação e intercâmbio de experiências, de exercício concreto dos direitos humanos.” (CANDAU, 1999).

Este relatório está organizado em três seções. Na primeira seção deste trabalho apresentamos a introdução que aborda a justificativa, o tema, os objetivos, a metodologia e a caracterização da instituição onde foi desenvolvido o estágio. A segunda expõe o período de observação onde foi realizada a caminhada pedagógica: um olhar crítico/sensível sob o espaço não formal, e o período da prática docente: intervenção pautada da reflexão-ação. E, por fim, as considerações finais onde descrevemos nossas aprendizagens, dificuldades e possibilidades durante o desenvolvimento do estágio supervisionado.

**DESENVOLVIMENTO**

A CAMINHADA PEDAGÓGICA: UM OLHAR CRÍTICO/SENSÍVEL SOB O ESPAÇO NÃO FORMAL

Durante o período de observação realizamos a caminhada pedagógica na instituição. A caminha tem como objetivo conhecer/explorar o espaço, ou seja, olhar aquele espaço sob um olhar mais crítico/sensível a fim de nos aproximarmos mais daquela realidade. Esse momento de observação foi muito importante para a construção do ato pedagógico. Nessa perspectiva Freire (1992), afirma que:

Observar uma situação pedagógica é olhá-la, fitá-la, mirá-la, admirá-la, para ser iluminado por ela. Observar uma situação pedagógica não é vigiá-la, mas sim fazer vigília por ela, isto é, estar e permanecer acordado por ela na cumplicidade pedagógica.

Dessa forma nosso primeiro contato com o CADI, objetivou alcançar essa cumplicidade pedagógica. Inicialmente houve um sentimento de pertencimento àquela realidade, foi enriquecedor conhecer o projeto desenvolvido pela instituição e perceber a entrega dos envolvidos a causa. A infraestrutura da instituição conta com uma sala multidisciplinar, uma sala de leitura com banheiro, biblioteca, sala de reunião, auditório, cozinha, espaço aberto para atividades, banheiros adaptados para pessoas com deficiência e outros espaços. A sala multidisciplinar conta com diversos atendimentos de vários profissionais como: médicos, enfermeiros, assistente social, psicólogo, doação de cesta básica, remédios, entre outros.

O centro atende as especificidades sociais dos moradores do bairro da “Bolívia” um bairro bastante periférico onde predomina um nível econômico médio/baixo. Os projetos do CADI visam agregar toda a família ao espaço, por isso eles contam com diversas atividades em diferentes horários para crianças, jovens e adultos. Algumas oficinas como de dança, futebol, boxe, percussão, se dividem para atender as particularidades de certo grupo, ou seja, é tudo muito organizado.

 Nossa caminhada também deu uma parada na sala de leitura onde realizamos nosso estágio. A sala de leitura conta com um espaço amplo bastante aconchegante e decorado, mesas, materiais e cadeiras prontas para atenderem as crianças. A sala é dirigida por uma educadora social graduanda em Pedagogia que atende crianças entre 4 e 10 anos, sendo os encontros de segunda à sexta, das 08:00hs às 17:00hs com divisão de turmas por faixa etária e turno. A sala de leitura trabalha em cima de eixos temático com datas comemorativas, partindo sempre da leitura de histórias e contando com um momento devocional no início dos encontros. São realizadas diversas atividades lúdicas voltadas para o levantamento de questões sociais, religiosas, e desenvolvimento de valores emancipatórios.

 Durante os encontros observamos que a educadora social possuía uma prática pedagógica que se preocupava essencialmente com a realidade social a qual aquelas crianças estavam inseridas. Por se tratar de uma sala de leitura havia frequentemente o trabalho com histórias infantis, essas histórias vinham carregadas de intencionalidade, e eram escolhidas no intuito de ensinar valores e estimular o olhar crítico da criança sobre sua realidade, na perspectiva de que é possível mudá-la. Por se tratar de uma ONG com parceria de cunho religioso, havia também os encontros semanais com as voluntárias que trabalhavam conteúdos da bíblia. A princípio com nossa presença na sala as crianças ficaram bastante agitadas, depois de certo período e esclarecimentos por parte da educadora eles se “acalmarão” após compreenderem o motivo de nossa presença ali. Outro momento que nos chamou atenção foi o horário do lanche, a maioria das vezes o lanche era comida (arroz, feijão, sopa, macarrão, frango, etc.), o que nos remete a função social da instituição que se preocupa em suprir também as necessidades básicas das crianças.

Sendo assim a realização da caminhada pedagógica durante o período de observação foi muito importante para começarmos a pensar nossa prática e desenvolvermos uma cumplicidade educativa com os diversos sujeitos atendidos ali. A partir da leitura da realidade de como funciona o espaço, quem são as crianças atendidas, quais objetivos, dentre outras questões, pudemos obter um olhar mais crítico/sensível sob o espaço, nos deixando mais seguras para o período de intervenção.

A PRÁTICA PEDAGÓGICA: INTERVENÇÃO PAUTADA NA REFLEXÃO-AÇÃO.

O período de prática pedagógica foi construído baseado no desenvolvimento da ação-reflexão-ação, no intuito de realizar um diálogo construtivo entre educador-educandos-estagiários e proporcionar um processo de ensino-aprendizagem transformador e significante. Esse período foi realizado durante 3 semanas consecutivas, totalizando 12 encontros nos espaços educativos. As oficinas de contação de história foram desenvolvidas no intuito de trabalhar questões relacionadas aos direitos humanos, como: valores humanos, valorização da cultura negra, cidadania, liberdade, e respeito mútuo, ou seja, temáticas voltadas para formação de sujeitos críticos-reflexivos e comprometidos com a cidadania.

Candau (1999), destaca a importância de uma educação articulada às problemáticas amplas que envolvem diretamente a construção da sociedade e das práticas sociais, assim, é essencial uma prática educativa participativa/dialógica que na relação teoria-prática esteja engajado no desenvolvimento dos direitos humanos, a fim de proporcionar a formação de diferentes sujeitos ativos na sociedade. Desse modo a autora reafirma a importância de se desenvolver um ato pedagógico partindo/comprometido com o contexto social dos sujeitos, com práticas participativas e dialógicas que possibilitem uma construção cidadã.

Durante a primeira semana realizamos oficina com a história “Menina bonita do laço de fita” da escritora Ana Maria Machado. Como eram 2 turmas em dias alternados, utilizamos diferentes metodologias condizente com a faixa etária e particularidades da turma do dia. Para contar a história utilizamos o livro físico e fantoches, foi um momento muito prazeroso, de inquietações e questionamentos. De início houve uma falta de sincronia e dificuldade em conter a turma, onde precisamos da intervenção da educadora em alguns momentos, porém após um curto período conseguimos deixar a aula mais fluida e produtiva para ambas as partes.

Após contar a história voltamos a alguns trechos levantando algumas questões para que as crianças pudessem pensar e verbalizar suas opiniões como: com quem elas se pareciam, se gostavam de sua aparência, como era suas famílias e quais diferenças entre eles, bem como uma breve discussão sobre o que era preconceito. Como mediadoras da roda de conversa sempre enfatizamos o respeito às diferenças e levantávamos alguns exemplos das nossas vivências. Pois conforme relata Ghon (2011):

 Ao se expressar, os atores/sujeitos dos processos de aprendizagem articulam o universo de saberes disponíveis, passados e presentes, no esforço de pensar/elaborar/reelaborar sobre a realidade em que vivem. Os códigos culturais são acionados, e afloram as emoções contidas na subjetividade de cada um.

Desse modo, os momentos em que os educandos se expressavam eram os mais importantes, pois a partir deles podíamos conhecer mais suas realidades e repensar a relevância de nossa prática para suas vidas. Neste aspecto, Cruz acrescenta quanto a relevância da prática do educador:

 É importante que ele tenha consciência do poder que tem nas mãos e do uso que possa fazer disso. É necessário que ele passe por um processo de autoconhecimento, em que reveja suas historia pessoal, reavalie suas experiências, perceba suas limitações e virtudes para poder atuar com as crianças, levando em conta a dimensão interna de cada uma delas (CRUZ, 2005, p. 70).

Assim, é importante realizar um ato pedagógico consciente e responsável, que tenha como base ações que valorizam os saberes internos dos sujeitos, e que de forma dialógica possibilite o desenvolvimento de um olhar crítico acerca desses saberes.

Durante a primeira oficina também utilizamos vídeos, realizamos atividades de pinturas, construção de desenho de como se auto identificavam e a confecção da menina bonita do laço de fita com pirulito pelas crianças que se envolveram efetivamente com a temática.

 A segunda oficina foi realizada com a história “Desculpe-me” da coleção Pequenas Lições, contamos a história com o uso do data show e auxílio das crianças que faziam a leitura das imagens. Durante a história realizamos uma dinâmica que também havia sido feita na narrativa, onde uma criança devia amassar uma folha de papel e tentar deixá-la como era antes, diante do exemplo enfatizamos que embora em algumas situações ocorra o pedido de desculpas o que foi feito não é apagado, daí a importância de evitar certas atitudes sem pensar. Quanto à relevância da prática pedagógica com o eixo dos valores humanos, compreendemos que:

Os valores humanos são essenciais para a formação do educando, pois é por meio deles que se formam cidadãos cientes de que o respeito mútuo e a solidariedade, bem como as leis que regem a organização das relações de grupos, são os pilares de uma sociedade democrática. (CORIA-SABINI e OLIVEIRA, 2002, p. 47).

Nesse aspecto, conforme as afirmações das autoras, entendemos o desenvolvimento de atividades com valores humanos como base imprescindível na formação de cidadãos conscientes, que compreendam/respeitem seus direitos e deveres possibilitando a construção de uma sociedade realmente democrática.

Após introduzirmos a temática colocamos a música da Turma do seu Lobato “Palavrinhas Mágicas”, cantamos e discutimos sobre a importância de utilizar as palavras como: obrigada, desculpe-me, por favor, com licença e outras. Como atividades construímos cartazes com as palavras e realizamos a brincadeira “Lá vai a bola” de forma adaptada, no momento em que a bola parava na mão da criança ela precisava responder qual palavra deveria ser dita diante da situação problema que falávamos na brincadeira.

As abordagens metodológicas da modalidade não formal são flexíveis e organizadas por meio da fala,o que nos possibilitou desenvolver atividades pautadas no diálogo e autonomia, se moldando conforme o público ao qual o trabalho está direcionado. “A voz ou vozes, que entoam ou ecoam de seus participantes são carregadas de emoções, pensamentos, desejos etc. são falas que estiveram caladas e passaram a se expressar por algum motivo impulsionador [...]”. (GOHN, 2011, pg.113). Sendo assim, é importante realizar esse impulso de forma efetiva, para que os indivíduos consigam se expressar de forma a conseguir pensar e agir sobre o meio social que convivem.

 Na terceira oficina desenvolvemos as atividades a partir da história “O cabelo de Lelê” da Valeria Belém. A escolha da história se deu principalmente pela importância que encontramos em valorizar a estética negra tão presente na turma e por se tratar do mês que é comemorado o dia da Consciência Negra. Aproveitamos o momento para levantar discussões sobre a diversidade encontrada em nosso país, as cores de pele, as cores e texturas de cabelos.

Realizamos uma dinâmica no início da aula falando a respeito dos diferentes tamanhos e texturas de cabelos, logo após contamos a história dando pausa para que as crianças expressassem as suas inquietações quanto aos trechos da história. Após contar a história retornamos a alguns trechos e analisamos as imagens presentes no livro como o tipo de cabelo de Lelê e qual a história desse cabelo, a fim de valorizar a cultura negra. A partir dos questionamentos dos alunos contamos a história dos países Africanos sob uma ótica diferente da eurocêntrica reproduzida por décadas, destacamos as características do povo negro, sua cultura e como foi formado o povo brasileiro. Com a discussão da temática pudemos observar que havia algumas crianças que não se auto identificavam como negros, reproduzem certos apelidos, e tinham como beleza ideal o padrão eurocêntrico inserido em nossa construção histórico-cultural. Diante da situação expusemos com uma linguagem apropriada às condições que levaram a construção dessa identidade negra esvaziada do seu verdadeiro valor, reforçamos a questão da diferença, e valorização da diversidade.

Depois desse momento apresentamos um vídeo musical “Racismo e preconceito não” do DVD Super Eca onde a partir dele iniciamos a construção do cartaz com o cabelo de Lelê onde eles pintaram com as mãozinhas e realizamos o bingo de Lelê onde as crianças se divertiram e aprenderam bastante.

A última oficina foi feita com a história “A festa no céu” da Angela Lago. Como seriam nossos dois últimos encontros antes da festa de finalização decidimos inserir a temática através da história. Eles escolheram a temática da festa, o que deveria ter, ajudaram na construção do convite e pintaram as máscaras de todos animais convidados a participar da festa. Essa coletividade deixou as crianças bastante animadas e responsáveis com a festa de encerramento, onde realizamos diversas brincadeiras de rodas, danças e muita diversão.

 A avaliação da oficina aconteceu de forma construtiva, onde a partir da aprendizagem dos educandos analisamos a efetivação das práticas utilizadas. Dessa forma a aprendizagem é compreendida aqui sob uma perspectiva em que educadores e educandos vivenciam o processo de forma coletiva em que ambas as partes aprendem. Nessa perspectiva construímos junto com os sujeitos uma auto avaliação nos finais das oficinas, onde fomos estimulados a pensar, rever e complementar nossas práticas. Como instrumento fazíamos uma enquete com o curtir ou não curtir a aula de hoje, onde permitimos que eles pontuassem o que não haviam gostado e dessem sugestões. Houve também uma avaliação realizada pela educadora social conforme instrumento fornecido pela comissão de estágio da UNEB.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estágio no CADI nos permitiu vivenciar uma experiência em um campo educacional que nos enriqueceu humanamente e profissionalmente com uma educação direcionada à emancipação dos sujeitos. A experiência nos permitiu refletir sobre a nossa prática, e sobre as possibilidades e desafios que permeiam nossa futura área de atuação. Embora tivemos algumas dificuldades pelo fato do estágio ter sido realizado no mês de novembro e com a carga horária corrida, a acolhida da instituição foi um fator determinante para que pudéssemos conhecer, pensar e desenvolver práticas pedagógicas na perspectiva da educação não formal.

As relações entre estagiários-educandos-educadora nos trouxeram bastantes aprendizagens, nos possibilitando conhecer como ocorre essa articulação entre a teoria-prática, onde pudemos compreender que há uma indissociabilidade entre o conhecer e o fazer, uma vez que os conhecimentos práticos estão embutidos nos conhecimentos teóricos e vice-versa.

 De início houve um pouco de dificuldade em conduzir a aula, porém aos poucos fomos ganhando confiança e autonomia para repensar e construir nossa prática. O apoio da educadora social foi essencial, sua presença e sugestões nos dava confiança de que estávamos indo pelo caminho certo. Essa via de mão dupla entre universidade e a comunidade possibilitou a construção de aprendizagens significativas em que o estágio se torna a extensão da universidade.

Por se tratar de um campo que está diretamente preocupado com as questões sociais, sentimos a responsabilidade de estarmos ali como futuros educadores que estejam comprometidos em possibilitar uma construção cidadã aos seus educandos, para que se tornem sujeitos capazes de opinar sobre sua realidade e construir o seu próprio futuro. As oficinas de contação de histórias se fez de suma importância para o trabalho pedagógico, através dos enredos e discussões trazidos nas histórias conseguimos ampliar discussões que colaboram efetivamente para uma construção cidadã.

 Durante o estágio vivenciamos uma educação que preza o aprendizado mútuo com o diálogo como principal eixo norteador, onde os educandos eram os protagonistas das oficinas opinando com autonomia e nos possibilitando desenvolver práticas não para, mas sim dos sujeitos.

O estágio supervisionado no CADI nos trouxe aprendizagens significativas para vida, nos proporcionando vivenciar um processo de ensino-aprendizagem coletivo, onde juntos aprendemos, ensinamos, refletimos e agimos.

**REFERÊNCIAS**

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 20° ed., 1989.

CANDAU, Vera Maria (Org.). **Educação em direitos humanos e formação de professores (as).** São Paulo: Cortez, 2013.

CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida; OLIVEIRA, Valdir Kessamiguiemonde. **Construindo valores humanos na escola**. Campinas, SP: Papirus, [2002].

CRUZ, M. C. M. T. **Para uma Educação de Sensibilidade: a experiência da Casa Redonda Centro de Estudos. Dissertação de Mestrado**. 2005. 280f. (Dissertação de Mestrado) – Faculdade de Educação – USP- São Paulo.

FONSECA, F. N. **Acerca da ampliação dos espaços de atuação profissional do pedagogo:** inquietações, ponderações e cautelas. [S.l.: s.n.], 2006.

GOHM, M. G. **Educação não-formal e cultura política.** 5. ed. São Paulo, Cortez. 2011.

GOHN, M. da G. **Educação Não Formal e o Educador Social em Projetos Sociais**. In: VERCELLI, L. A. Educação Não Formal: campos de atuação. Jundiaí: Paco Editorial, 2013. P. 09-62.